

Palavras...

se feitas de carne

Leitura feminista e
Crítica dos Fundamentalismos

Nancy Cardoso Pereira





Palavras... se feitas de carne*
Leitura Feminista e Crítica dos Fundamentalismos

* O título desta obra foi inspirado em um poema de Hilda Hilst



Palavras...

se feitas de carne

Leitura feminista e
Crítica dos Fundamentalismos

Nancy Cardoso Pereira



Palavras... se feitas de carne

Nancy Cardoso Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Esta publicação foi possível graças ao apoio de: Fundação Ford



Rua Martiniano de Carvalho, 71, casa 11

01321-001 Bela Vista -São Paulo - SP

tel/fax(11) 3541-3476

e-mail: cddbr@uol.com.br

www. catolicas.org.br

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pereira, nancy cardoso

Palavras: se feitas de carne: leitura feminista e crítica dos fundamentalismos / Nancy Cardoso Pereira ; [organização Rosângela Borges]. - São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 1a. edição, 2003; 1a. reimpressão 2013. -- (Coleção cadernos; 11)

Bibliografia.

1. Fundamentalismo 2. Igreja Católica - América Latina 3. Teologia feminista I. Borges, Rosângela. II. Título. III. Título: Leitura feminista e crítica dos fundamentalismos. IV. Série.

ISBN 85-87598-07-4

03-6799

CDD-261.83442

Índices para catálogo sistemático:

1. Fundamentalismo e teologia feminista: Cristianismo 261.83442
2. Teologia feminista e fundamentalismo: Cristianismo 261.83442

1ª. reimpressão, 2013

Revisada (2.000 exemplares)

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
Introdução	9

Primeiro Momento

1. Da idolatria do mercado e do silêncio das igrejas.....	13
2. Do corpo alienado das mulheres e os discursos das igrejas.....	15
3. Do singular das igrejas para o plural da religião	19

Segundo Momento

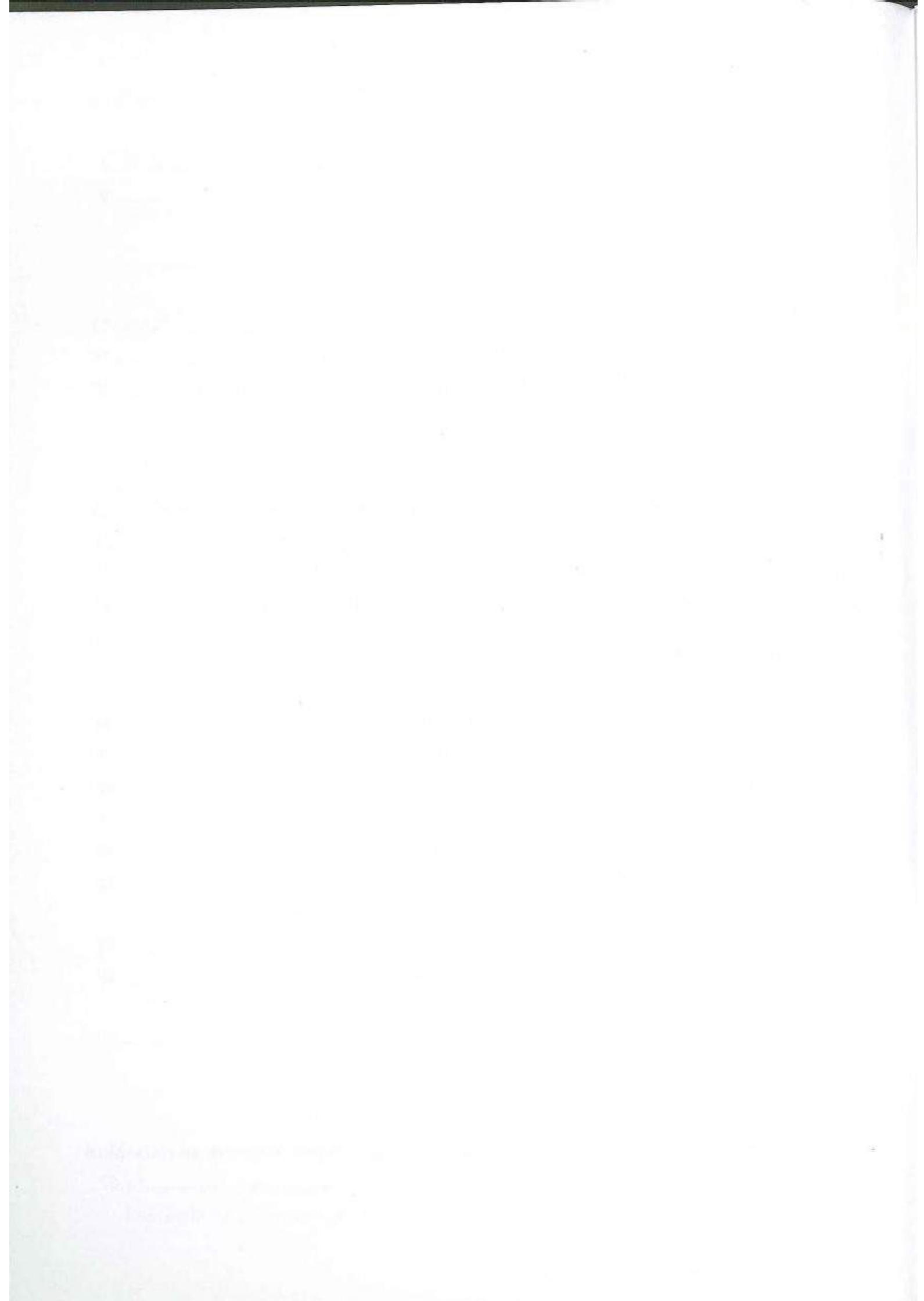
1. Fundamentalista, eu? Das origens de uma comunidade lingüística & seus dialetos	23
2. Dos fundamentos fundamentais do fundamentalismo & suas fundamentações	24
3. Do Um e do Primeiro: a filosofia ocidental & suas pretensões	25
4. Do Único e do Verdadeiro: as pretensões & desmesuras das mulheres.....	27

Terceiro Momento

1. Palavras... se feitas de carne: epistemologia & hermenêutica	34
1.1.Deslocando conceitos e fundamentos: o corpo das motivações.....	39
1.2.Das motivações do vivido	40
1.3.Das motivações do corpo	40
1.4.Entre o corpo e o vivido: o discurso interpretativo	42
1.5.Corpo epistêmico: reversibilidade dos sentidos.....	42
2. Palavras... se feitas de carne: economia & hermenêutica	44
2.1. Palavras... se feitas de carne: erótica & hermenêutica	48
3. Quase conclusão: hermenêutica& corpo	53

Quarto Momento

1. Janelas abertas & camas desarrumadas: uma espiritualidade para tempos de interpretação e decisão	57
---	----



Apresentação

Nestes primeiros anos do século XXI, o fundamentalismo e suas derivações têm estado presente na mídia, quase cotidianamente, referindo-se, em geral, ao Islamismo. O termo tem origem em um grupo americano protestante conservador, que, em 1910, declarou-se contrário à livre interpretação da Bíblia, condenando qualquer utilização de métodos histórico-críticos e hermenêuticos no diálogo com a fé cristã.

O adjetivo "fundamentalista", no entanto, tem sido aplicado a diferentes religiões, quando estas apresentam elementos anti-modernos, anti-seculares, baseados numa interpretação excessivamente rigorosa dos textos sagrados e numa rigidez doutrinal. Os fundamentalistas querem voltar aos Estados religiosos em que a lei de uma religião é a lei da nação. Além disso, todos os fundamentalismos religiosos têm em comum a vontade de controlar os corpos das mulheres. A expressão mais clara disso é a hostilidade e o medo da sexualidade feminina e a recusa de compreender a capacidade biológica da reprodução como campo de escolha humana. Compartilham a ideologia da complementaridade entre os sexos, rechaçando os ideais de igualdade entre mulheres e homens.

Católicas pelo Direito de Decidir com a publicação do Caderno nº 11 *Palavras...se feitas de carne - Leitura Feminista e Crítica dos Fundamentalismos*, de Nancy Cardoso Pereira, teóloga feminista, apresenta uma importante e atualizada reflexão sobre os diversos fundamentalismos presentes na sociedade moderna, em particular no Cristianismo da América Latina, e suas conseqüências nocivas na vida das mulheres.

O texto compõe-se de quatro momentos:

- Críticas e esperanças que alimentam a caminhada pastoral popular feminista na América Latina contra os fundamentalismos estruturais;
- Redefinindo fundamentalismo;
- Os fundamentalismos são palavras contra corpos, palavras sem corpos, palavras apesar dos corpos;
- Janelas Abertas & Camas Desarrumadas - uma espiritualidade para tempos de interpretação e decisão.

Com a proposta de oferecer às leitoras e aos leitores um trabalho que possa abrir novas perspectivas para uma leitura crítica, a própria formulação textual já é reveladora da intenção da autora de *Palavras...se feitas de carne*.

Introdução

"Mais uma vez é hora de zangar-nos"

GERMAINE GREER

Já era tempo de sermos propositivas sem a necessidade de voltar sempre de novo aos termos e aos temas da denúncia e da exposição do sofrimento e da minoridade de nós mesmas.

Mas ainda é tempo de zangar-nos!

Os movimentos de mulheres e as mulheres nos movimentos sociais populares se fizeram politicamente nas agendas. Negociamos e construímos espaços de participação, mas continuamos nos debatendo com estruturas resistentes de patriarcalismo e exclusão.

Por isso ainda é tempo de zangar-nos!

Ainda enfrentamos as estruturas econômicas que precisam da submissão e exploração das mulheres como mecanismo vital do metabolismo do capital e do imperialismo.

Tempo de zangar-nos!

Muito do esforço e das possibilidades vêm sendo exercitadas entre nós mesmas: nossos companheiros de luta, nossos movimentos, organizações, partidos e processos. Também entre nós permanecem vivos os mecanismos de discriminação e subordinação: vivos na forma de expectativas contraditórias, prioridades adiáveis e fundamentalismos das estratégias.

Por essa e outra: temos de zangar-nos.

1 - Greer, Germaine, *A mulher Inteira*, Record, Rio de Janeiro, 2001 p.11

"A retórica de igualdade vem sendo usada em nome do politicamente correto para mascarar a martelada que levam as mulheres".²

Um consenso rápido insiste em dizer que as questões e reclamações das mulheres foram ouvidas, e que ainda há problemas mas já estão sendo superados, e que a maioria já não tolera formas de subordinação e violência e que finalmente as mulheres estão reconhecidas e valorizadas, seus direitos defendidos e sua participação garantida. Um grupo de gênero aqui, um estudo de gênero lá... Pra que continuar falando em feminismo?

A tentativa é de desmontar, com este consenso publicitário, a necessidade da militância e da organização. Alguns anéis para uma minoria de mulheres educadas que se sentam nas cadeiras da academia e uns outros anéis por aquelas que foram assimiladas no mundo do trabalho e da política. Mas trata-se de zangar-se por conta dos dedos e mãos invisíveis que continuam confirmando um modelo econômico, político, jurídico, eclesiástico, sexual e estético machista e elitista demais.

O critério continua sendo a vida concreta das mulheres, corpo e cotidiano nas mais básicas das tarefas que é viver. Neste sentido continuamos a zangar-nos porque a pobreza continua sendo feminina em todo mundo, em especial na América Latina.

Mesmo reconhecendo mudanças e possibilidades que as lutas e reivindicações trouxeram, é preciso continuar a zangar-nos: o movimento de mulheres nunca disse que se contentaria com a igualdade, de modo especial esta da democracia liberal e suas aparências. O que pronunciamos no feminino plural foi libertação como quem dissesse pão, trabalho, liberdade e prazer!

Zangar-se assim. Também as teólogas.

2 - *ibid.*, p.11

Zangar-se teologicamente como sentimento e motivação que se avizinha da indignação, do desassossego.

Continuo desassossegada. É que ainda não superamos as generalidades e não enfrentamos a questão do sagrado e seus poderes como posse quase que exclusiva dos homens. As alternativas eclesiais participativas criam anexos aonde as mulheres podem se mover, mas sem a necessária desconstrução e crítica radical dos dispositivos estruturais, também eclesiológicos e antropológicos, que mantêm o patriarcado vivo e poderoso.

Tanta conversa sobre carismas e poderes, ministérios e dons, os pobres e a comunidade e quase nenhuma denúncia e superação da idolatria do modelo ministerial sexista que se traduz na exclusão das mulheres na teologia, na discriminação dos leigos e leigas, das crianças e jovens, na subordinação da natureza como lugar de revelação e na sustentação de modelos econômicos e políticos sacrificiais. É que os fundamentos continuam intactos. Por violência, dissimulação e indiferença. É que o discurso dos fundamentos — retóricas de éticas e morais — continua intacto.

Agenda dos movimentos de mulheres aponta para a necessidade de lutar por um estado laico, por reconhecer que as estruturas clericais de distintas instituições religiosas continuam buscando perpetuar-se como guardiãs de princípios e valores, atropelando processos participativos e democráticos de definição de direitos, de modo especial no âmbito da sexualidade, dos direitos reprodutivos e das políticas populacionais. Assim, disfarçadas de *defensores de valores*, as hierarquias de diferentes organismos religiosos se articulam politicamente em distintos níveis de poder na sociedade, contaminando os processos de interpretação e decisão que interferem na formulação de direitos e suas garantias, políticas públicas e seus alcances, tratando de assegurar resultados que favoreçam suas posturas ideológicas. Não o fazem como mais um dos agentes envolvidos na discussão e no processo de decisão, mas reivindicando para si um

lugar social especial e de autoridade sustentado por posturas e mecanismos fundamentalistas.

Esta reflexão quer ser parte deste esforço dos movimentos de mulheres na afirmação de um estado laico que garanta espaços reais de discussão, interpretação e formulação de políticas que garantam a integridade e dignidade.

Num **primeiro momento** será importante alargar a compreensão sobre o fundamentalismo religioso para além de excentricidades de grupos radicais para localizá-lo como mecanismo próximo e contemporâneo, de modo especial no cristianismo brasileiro e latino-americano com toda sua diversidade.

Num **segundo momento** esta reflexão quer entender fundamentalismo como a estratégia de suspensão ou paralisação do exercício de interpretação/escolha/decisão da realidade, das tradições, das relações. Esta suspensão pode ser legitimada por mecanismos religiosos mas também por mecanismos analíticos, organizativos e operativos que legitimam e normatizam a alienação interpretativa, em especial das mulheres.

O **terceiro momento** desta reflexão quer suspeitar e criticar modelos epistemológicos, econômicos e antropológicos para então apontar para alternativas interpretativas/hermenêuticas que garantam práticas de socialização e circulação de poder na definição participativa e contextualizada de políticas.

O **quarto momento** é um exercício de espiritualidade: a negação dos fundamentalismos coloca a necessidade da re-leitura e o re-encantamento de tradições e rituais que sustentem a vertigem das interpretações, a fidelidade com os processos de decisão e a beleza da construção de alternativas.

Primeiro Momento

Críticas e esperanças que alimentam a caminhada pastoral popular e feminista na América Latina contra os fundamentalismos estruturais: a idolatria do mercado, a alienação do corpo das mulheres e a negação do pluralismo religioso.

1. Da idolatria do mercado e do silêncio das igrejas

O grande problema é o que o cristianismo ainda espera ser dentro do modelo hegemônico ocidental. O impasse que revela nossa covardia nos dias de hoje é o medo de enfrentar o mercado e sua religião.

É que as igrejas já perderam demais, já recuaram demais e tentam se equilibrar no difícil jogo dos poderes contemporâneos. O cristianismo, como parte do projeto civilizatório ocidental, depois de ter motivado e justificado os movimentos e estratégias de universalidade, superioridade, prioridade e finalidade se vê desbancado de sua situação de poder, fragilizado em sua influência real nos destinos da humanidade e roubado no controle de seu imaginário religioso e teológico. Acuado, o cristianismo hegemônico perde parte efetiva do poder, negocia fatias de influência criando um conjunto de condições que justificam a volta à grande disciplina, às recauchutagens carismáticas. Variações de um fundamentalismo religioso que se reorienta no jogo dos poderes. Todos fundamentais!

O mundo ocidental e sua racionalidade econômica têm a pretensão idolátrica de realizar plenamente todas as potencialidades humanas e da natureza — pela via da ciência — e satisfazer plenamente todas as necessidades e os desejos — pela via do mercado. O capitalismo globalizado se apropria do discurso do sagrado e se apresenta como o grande realizador da história humana. Em nome dessa racionalidade, sacrifícios são exigidos como forma de ajuste necessário para a garantia da totalidade do modelo. O capitalismo globalizado é uma religião econômica que não admite infiéis ou dissidentes.

Susan George (do Trans National Institut), no livro *Faith and Credit*³, faz uma aproximação entre os modelos missionários e evangelísticos da cristandade e as estratégias de controle dos mercados pelo capitalismo financeiro que explicitam as relações incestuosas entre capitalismo e cristandade não deixando dúvida sobre a interdependência destes sistemas. Compartilham a lógica religiosa do fundamentalismo e sua pretensão à inevitabilidade.

As igrejas identificam os limites e os horrores sistêmicos do capitalismo mas não identificam sua pertença a este sistema, o que inviabiliza o desmascaramento e a crítica anti-idolátrica do mercado e do capital globalizado. Neste sentido as respostas e alternativas das igrejas ao desastre econômico, cultural e ecológico se limitam a programas reformistas e caritativos que não situam as igrejas entre os protagonistas na luta por uma nova ordem econômica e social.

Muitas destas respostas reformistas e caritativas manipulam e reduzem a folclore as iniciativas de sobrevivência e enfrentamento dos movimentos de mulheres: cooperativas, economia sustentável, restaurantes populares, micro-crédito e tantas outras iniciativas. Estas mulheres e suas lutas desvinculadas do horizonte político de enfrentamento de governos corruptos e dóceis aos interesses do

3 - GEORGE, S., SABELLI, F., *Faith and Credit – The World Bank's Secular Empire*, Penguin Books, Harmondsworth, Middlesex, 1994

capitalismo internacional se tornam enfeites e recheiam publicações e ações das igrejas e dos organismos ecumênicos sem a denúncia e a participação efetiva nos esforços de construção de alternativas populares e transformadoras da ordem econômica.

Sem auto-crítica dos modelos fundamentalistas sacrificiais cristológicos e eclesiológicos a ação das igrejas acaba reforçando a inevitabilidade do mercado e sua exigência de exclusão, que gera pobreza, alienação e violência, principalmente de mulheres e crianças.

Para muitas cristãs e cristãos militantes das lutas de libertação na América Latina e no mundo a manutenção deste fundamentalismo teológico e eclesiológico tem significado uma prática pastoral conflituosa e marginal, que se afirma na compreensão da primazia da práxis sobre a ortodoxia que cria condições reais de uma vivência cristã e ecumênica. Três categorias importantes na teologia da libertação latino-americana potencializam esta espiritualidade do conflito e da margem: história, realidade e pobre. Mais que conceitos estas palavras são acontecimentos e motivam e sustentam o fazer teológico e pastoral entre nós, mas ainda não é o suficiente para o enfrentamento das retóricas e práticas dos fundamentalismos cristãos.

2. Do corpo alienado das mulheres e os discursos das igrejas

Silenciosas e cuidadosas no enfrentamento do mercado e sua religião, as igrejas exercitam sua fatia de poder no campo da moral como prêmio de consolação pela perda da hegemonia do sagrado no âmbito econômico e político. O empenho das igrejas na defesa da vida em questões de direitos reprodutivos e populacionais é explicitado pelo papel do mercado e do capital globalizado reserva-

do às igrejas, que respondem à necessidade de manter sobre controle os processos reprodutivos insistindo num discurso pesado e culposos, investindo recursos, tráfego de influência com governos nacionais e lobby agressivo nos espaços internacionais de discussão.

Faz-se necessário e importante avaliar a antiga e atual discussão sobre direitos reprodutivos, em especial no terceiro mundo. Aqui as igrejas não têm tido nenhum desejo de escutar e de dialogar: insistem em se repetir, em dizer sempre o mesmo. Não há movimento real de conversa com as lutas e os movimentos organizados de mulheres nas igrejas e nas sociedades. As igrejas reivindicam para si uma estabilidade supra-histórica que não se deixa influenciar ou motivar por sofrimentos extremos e sacrifícios sem medida. Reivindicam o discurso de defesa da vida como retórica fundamentalista que justifica a intervenção violenta nos fóruns nacionais e internacionais de discussão e definição de políticas e leis nas questões de direitos sexuais, reprodutivos e populacionais.

"Nos anos 70, quando somávamos apenas 90 milhões, em estranha convergência ideológica, os militares no poder, a Igreja Católica e os comunistas eram contrários à implantação de políticas de planejamento familiar. Os religiosos, pelas razões de sempre. Os militares alegavam motivação estratégica: o aumento rápido da população ajudaria a povoar regiões ermas em defesa da soberania nacional. Os comunistas esperavam que a pressão demográfica acentuasse as contradições e apressasse a deposição do capitalismo."⁴

Esta *estranha convergência ideológica* não é tão estranha assim, nem se limita aos anos 70: continuamos lidando com convergência de interesses do patriarcado que reduz as políticas sexuais, reprodutivas e populacionais a estratégias de manipulação de

4 - VARELLA, Drauzio. O silêncio diante da explosão demográfica, in: Folha de São Paulo, Ilustrada, 14 de dezembro de 2002, p. E12

estatísticas demográficas e ações de saúde desvinculadas da pergunta pelos modelos econômicos, políticos e ambientais. As políticas para o setor desenvolvidas pelos neo-liberais de plantão confirmam esta postura de entender políticas sexuais e reprodutivas a formas de controle dos pobres sem equacionar questões estruturais de distribuição de riqueza, equívoco que se traduz na ineficiência das ações.

"Por exemplo, em 1980, na faixa etária dos 15 aos 19 anos, em que se concentra grande parte das mães de baixa renda, para cada 100 mulheres nasciam oito filhos; hoje nascem 9,1... o aumento vertiginoso da porcentagem de crianças menores de seis anos criadas sob responsabilidade exclusiva das mães (de 10,5% para quase 18%) nos últimos dez anos. Uma combinação cruel de irresponsabilidade coletiva com preconceitos sexuais contra as mulheres e covardia diante da ação militante de grupos religiosos que defendem ideologias medievais..."⁵

No léxico das políticas de esquerda estas questões ainda ocupam o lugar secundário do controle populacional, superestrutura reprodutiva, mão-de-obra excedente e orçamento para políticas compensatórias. No léxico da teologia da libertação são idealizadas ou silenciadas na forma de um espontaneísmo da ação dos pobres na história. Estranha convergência que mantém intacto o patriarcalismo político e eclesiástico.

Por isso... ainda é tempo de zangar-nos!

Cinco mulheres morrem no Brasil a cada dia em abortos clandestinos (pelo menos). Na América Latina são 46 a cada dia. No mundo todo, a cada dia, morrem 500 mulheres. Morrem de abandono e medo. Morrem porque ousam decidir. Morrem pela redução de argumentos éticos. Morrem pelas trocas de poder e

5 - Ibid

influência entre Estado e Igrejas. Como se já não bastasse a fome, o desemprego, a doença e o desespero de sobreviver. Morrem deste igrejismo estreito⁶ e repressivo incapaz do diálogo com as vivências concretas das mulheres. Morrem desse igrejismo disfarçado em políticas públicas do Estado. A igreja diz que é pecado. O Estado diz que é crime.

São um milhão de abortos por ano no Brasil. Pelo menos! Elas e uma vizinha, uma amiga que descubrem um endereço ou um remédio, ajudam a juntar dinheiro, passam outra noite acordadas, conversando e se cuidando com sopas, chás e apoio. Essas mulheres se arriscam a tomar decisão: por elas e pela comunidade onde vivem. Mulheres que se arriscam a viver uma ética pessoal e comunitária que ultrapassa a autoridade da hierarquia masculina das igrejas. Instauram uma ética que surge das vivências e opções das mulheres. Enfrentam os fundamentalismos teológicos de conservadores, liberais e até mesmo dos progressistas de plantão!

Os desafios para as teologias feministas são muitos:

"A instituição católica sempre insistiu no respeito absoluto à vida. Entretanto, raras vezes analisou o fato de que este princípio é condicionado por escolhas, por hábitos culturais, por posturas antropológicas e conseqüentemente marcado pelo princípio da diferença."⁷

"A reflexão que a mulher elabora no campo da ética cristã nasce como teoria antecédida pelos compromissos que procuram a transformação das instituições sociais e religiosas que as oprimem. Seu ponto de partida é a práxis emancipatória das mulheres que se opõem ao sistema atual como totalidade..."⁸

6 - ROSADO-NUNES, MJ., JURKEWICZ, R.S., Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica. O surgimento de "Católicas pelo Direito de Decidir", in.: Aborto Legal - implicações éticas e religiosas, Católicas pelo Direito de Decidir, São Paulo, 2002, p. 17-70

7 - GEBARA, Ivone. Poder e Não-Poder das Mulheres, Paulinas, São Paulo, 1991, p. 34

8 - AQUINO, Pilar. Nosso Clamor pela Vida - teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher, Paulinas, São Paulo, 1996, p. 306

Na agenda das teologias feministas latino-americanas continua a exigência do enfrentamento das questões econômicas e éticas como contribuição fundamental para a re-significação dos processos de produção e reprodução da vida material e simbólica.

As relações entre população, meio ambiente, recursos naturais e modelo de desenvolvimento precisam ser investigadas e articuladas, a partir das motivações e compromissos dos movimentos e reflexões feministas para que se superem as hesitações e antipatias que continuam mantendo estas urgências sob controle de políticos e teólogos comprometidos com a sustentação do capital e do patriarcalismo.

3. Do singular das igrejas para o plural da religião

A fragilidade das democracias formais do continente latino-americano, seu caráter violento de manutenção de ajustes econômicos e políticas anti-populares com o objetivo de definir e garantir os interesses do capital financeiro internacional na região, tem desprezado as pluralidades e as buscas de alternativas políticas. A América Latina participa dos tempos de globalização e mercado livre exasperando modelos de exploração e exclusão pronunciados nas formas de fundamentalismos econômicos e teológicos.

Se faz cada vez mais urgente e necessário — nestes tempos cada vez mais globais — criticar conceitos e imagens de uma identidade latino-americana forjada a partir de olhares exóticos, complacentes e reducionistas e prosseguir nesta tarefa da pluralidade.

Uma das reduções é a de entender a América Latina como um continente cristão, católico numa maioria omissa e evangélico numa minoria omissa e evangélico numa minoria ávida. Tanto um modelo como outro, na forma institucional, compartilham fatias de poder na extensibilidade da relação Igreja-Estado. Tanto no aspecto periférico (crucifixos no espaço público, leituras e praças da bíblia etc.) como nos trânsitos centrais (orçamento, legislação, políticas

públicas), o cristianismo continua sendo uma extensibilidade do modelo sócio-cultural inviabilizando de modo insidioso e autoritário a existência de um Estado laico.

Assumir o caminho da pluralidade e cultivá-lo exige críticas e deslocamentos também na maneira que entendemos nossa caminhada de fé e fazemos teologia. É que a pluralidade exige que se desista do Um, do Primeiro e do Único. Aprender a ser um entre outros, uma entre muitas; descobrir ser uma possibilidade entre outras esse jeito cristão de dizer e viver a fé. Sossegar ao saber que Único é um outro jeito de dizer Desejado e não mais que isso... E tudo isso.

O eixo hermenêutico da pluralidade, do sincrético, do múltiplo é um desafio epistemológico: desloca e subverte o modo como entendemos a realidade e seus discursos, os textos e suas materialidades, uma história e seu imaginário. Já não há pontos de partida e sim motivações. Já não dizemos dos fundamentos mas sim da genealogia do conhecimento, da prática e do discurso que construímos.

É que o exercício de pluralidade deve mover-nos em direção ao que não somos explicitando o plural em nós mesmo. Assim, pluralidade não se reduz a alteridade — minha identidade e outras — mas revela o plural em mim mesma. O plural está na realidade e no olhar sobre a realidade. Na história, na realidade, no sujeito, no método, no discurso e na prática.

Se não for assim, toda essa conversa sobre pluralidade pode se transformar num instrumento a mais de pretensão da totalidade, o elogio de nós mesmos e nossa suposta capacidade de ser tudo em todos. Pode ser uma ferramenta de expansão e violência se for usada como o Grande Liquidificador onde as alternativas e diferenças são reduzidas e sintetizadas⁹.

9 - CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos - uma exploração das hibridações culturais*. Studio Nobel, São Paulo, 1996, p. 13.

Antropologia, relações sociais de gênero e etnia, ecologia, literatura, linguagem midiática, economia, cultura popular, biociência, a teologia é visitada e habitada numa relação conflitiva e criativa que refaz as perguntas, complica o método e desassossega os sistemas. A teologia precisa aprender a pronunciar o plural como diferença e como simultaneidade, como construção e constructo.

Assim história-realidade-pobre deixam de ser uma identidade auto-referenciada nos métodos sociológicos e histórico-críticos e a teologia passa a conviver com a vertigem da pluralidade dos paradigmas. Para alguns — reféns dos monólogos teológicos patriarcais — a pluralidade da história, da realidade e do sujeito enfraquece a teologia ou se limita a ornamentos e anexações. E que eles ainda pensam que existe uma teologia substantiva que aceita conviver com teologias adjetivas, desde que ajustadas na concordância verbal de uma teologia fundamental, sistemática e dogmática.

Para muitas igrejas o sentimento é de perda do controle, das totalidades e de medo dos fragmentos simultâneos. O que as igrejas não compreendem é que a pluralidade não é uma escolha metodológica que se faz na quietude da reflexão. A pluralidade e a diferença e a simultaneidade constituem história-realidade-sujeito e constituem o discurso e a prática sobre elas. É que ao trazer a vida e luta plural dos pobres pra dentro da teologia os métodos e sistemas não ficaram intactos: são criticados, rejeitados, deslocados, oxigenados.

A teologia feminista latino-americana se alimenta dessa pluralidade epistemológica e de espiritualidade e seus desafios. Com adjetivos e substantivos suados, a teologia feminista precisa sempre de novo suspeitar e criar métodos, teorias e identidades que, sem a linguagem tradicional do Único e do Universal, recriam a motivação do Evangelho afirmando que o reconhecimento na possibilidade de outras mediações salvadoras não inviabilizam a identidade e a tradição cristãs¹⁰.

10 - KNITTER, Paul. Hacia una teologia de la liberation de las religiones. Perspectivas, Ma-

É preciso reconhecer que o fundamentalismo não é um fenômeno longe de nós — geográfica e religiosamente! Não é um fenômeno dos outros (no outro lado do mundo, na outra ponta do modelo econômico). Não é uma tendência presente em alguns setores das igrejas cristãs. O fundamentalismo é também a expressão majoritária do cristianismo: sexista, autoritário, elitista e moralista.

Redefinindo fundamentalismo.

1. Fundamentalista, eu? Das origens de uma comunidade lingüística & seus dialetos

Estes são os fundamentos.

Fundamentais.

Fundamentalmente por que.

Os fundamentos de uma vida cristã. Os fundamentos da ética. O fundamental da moda. Os fundamentos da cozinha italiana. Os fundamentos filosóficos da física. Fundamental é mesmo o amor. Beleza é fundamental... O discurso dos fundamentos está na linguagem corriqueira como expressão de força e pretensão de verdade.

Este uso facilitado expressa uma complexa rede de poderes que se explicita na linguagem, como um mantra que repete e pretende a existência do Um e do Primeiro. Da verdade.

Diz-se à boca pequena e publica-se nos livros que o fundamentalismo surge como expressão e fenômeno de certo protestantismo do século XIX que toma o texto bíblico como norma e regra¹¹. Mas é mais do que isso: este protestantismo fundamentalista e biblicista é só uma versão mais próxima de construções de poder e pensamento que marcam fundamentalmente a cultura ocidental cristã.

Nesta reflexão entendemos e identificamos "fundamentalismo" como um fenômeno atual —apesar das pretensões de

11 - BOFF, Leonardo, Fundamentalismo - a globalização e o futuro da humanidade, Sextante, Rio de Janeiro, 2002, p.12

legitimidade marcadas por tradições e história. Com muitas caras e modalidades, os fundamentalismos têm em comum o investimento grandioso de recursos materiais e simbólicos na manutenção de um poder político religioso (majoritário ou minoritário), suas lideranças e instituições com o objetivo de controlar indivíduos, grupos, comunidades e sociedades, de modo especial, como já foi dito, controlar e formatar a vida das mulheres.

2. Dos fundamentos fundamentais do fundamentalismo& suas fundamentações

O cristianismo pretendido como religião universal é fundamentalista.

Vincado de modelo civilizatório potencializa em si mesmo e nas outras religiões a pretensão do Um e do Primeiro.

Mesclado de filosofia e metafísica ganha ares de obviedade que desperta no religioso dos outros o desejo mimético do divino mais que os outros.

Treinado de boas maneiras de ética e de moral fez de si mesmo o critério e o método da virtude e da verdade.

Incestuosamente vinculado ao modelo de colonização e de imperialismo fez-se poder incontestado ocultando pertencimentos sociais e contradições sistêmicas.

Fundamentalista é o cristianismo entendido como resposta unívoca na história.

Fundamentalistas são as reações e as resistências.

Vitorioso, o modelo ocidental-cristão injeta doses cavalares de intolerância e violência há tanto tempo e de modo tão eficiente que já não se deixa ver seus fundamentos.

Fundamentalista é o nicho do pensamento ocidental.

Fundamentalista é a ciência refém do capital e seus instrumentos de saber.

Fundamentalista como a política e a economia imperial só sabem ser.

Fundamentalista como a exclusividade do gênero masculino nos poderes.

Fundamentalista como o racismo persistente insiste em ser.

Fundamentalista como a heterossexualidade afirma ser.

Fundamentalista como a tecnologia dobra o ambiente e seus seres.

Fundamentalista como o capital se afirma sobre o trabalho.

Fundamentalista.

3. Do Um e do Primeiro: a filosofia ocidental & suas pretensões

As narrativas do um e do primeiro estão grudadas na nossa forma de entender o mundo, a vida, nós mesmos, Deus. O Um e o Primeiro são a mesma coisa: Um diz da quantidade; Primeiro diz da qualidade. São metáforas da ordem e de princípio¹² que *"ultrapassaram da progressão matemática, indevidamente, ao plano político-cultural para se constituir em ética"*.¹³

As histórias de um princípio primeiro, de um motor imóvel, de um começo imaculado, de uma origem sem origem, um lugar exato, intocado, previsivelmente lá ordenando o mundo, a vida, as relações... Deus. São narrativas filosóficas que pretendem ser mais do que são na forma da metafísica auto-explicativa: pensam explicar os fundamentos do Um e do Primeiro e só fazem dizer de si mesmas, ocultando suas origens mágicas, míticas, religiosas, culinárias e médicas.

12 - "pelo cardinal e pelo ordinal". CANEVACCI, Massimo, Sincretismos - uma exploração das hibridações culturais, Studio Nobel/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, 1996, p.92

13 - *ibid.*, p.92

Essa pretensão "fundamentalista" contamina as formas ocidentais de se entender a realidade na objetividade do que é conhecido e na identidade de quem conhece. Objetividade e identidade são variações do Um e do Primeiro que ordenam estágios, inventam progressões, listam prioridades e proclamam o que é científico ou não. Fundamentos clássicos e universais, singulares e verdadeiros e violentos. Fundamentalmente violentos!

"... O Ocidente abriu dois caminhos contraditórios: o da força e o da consciência européia... Pela força, o Ocidente impôs ao Outro sua singularidade absoluta."¹⁴

As relações entre consciência e força não são tão contraditórias: são formas siamesas de construção dos significados no pensamento ocidental hegemônico. A força é o elemento configurador da possibilidade do Um e do Primeiro que exclui as alternativas. A consciência — e seus clássicos e universais — precisa da força imperialista como materialidade básica para seus fundamentos de verdade.

O fundamento do pensamento do Um e do Primeiro é a verdade entendida como pacificação entre conceito e coisa¹⁵. Pacificação aqui entendida como medida de força: colonialismo e imperialismo tanto das materialidade geográfica na expansão ocidental, quanto nas geografias do simbólico e das epistemologias dos vencidos.

É na forma do discurso filosófico e científico que as pretensões ocidentais do Um e do Primeiro efetivam sua presença de poder. O domínio cultural legitima e disponibiliza esta forma clássica de discurso da verdade, ao mesmo tempo que desacredita e marginaliza formas outras de nomeação das origens, construção de sentido e variações da verdade.

14 - NOVAES, Adauto A outra margem do Ocidente. In: NOVAES, Adauto (org.) A outra margem do Ocidente: Brasil 500 anos; Experiência e Destino. Minc/Funarte/Companhia das Letras, São Paulo, 1999, p.7

15 - CANEVACCI, op.cit., p.94

"O significado é sempre um espaço colonizado, no qual a necessidade já foi inscrita por códigos culturais e pelo campo mais amplo de relações políticas, econômicas e sociais... A verdade, assim como os fatos, não antecede a nossos esquemas interpretativos. Ela depende de quais vocabulários de interpretação são dominantes no momento e de uma autoridade assegurada nas contingências."¹⁶

O reconhecimento de vocabulários e autoridades que fundamentam o pensamento ocidental hegemônico—filosofia e ciência — e suas pretensões auto-reguladoras, auto-iniciadoras e auto-funcionáveis exigem um olhar crítico sobre esta forma ilustrada de fundamentalismo. O enfrentamento dos esquemas colonizados de significado e interpretação aproxima o fenômeno do fundamentalismo que deixa de ser uma excentricidade do Outro e passa morar ao lado. O fundamentalismo mora ao lado.

Fazer a crítica dos fundamentalismos é também identificar os modelos interpretativos ocidentais hegemônicos em suas pertencas colonialistas e sexistas para perceber o alcance violento desses discursos, de modo especial para as mulheres. A tradição filosófica e a tradição política do Ocidente nas formatações do Um e do Primeiro se expressam nas formas de fundamentalismos que excluem, subordinam e silenciam as periferias de classe, gênero e etnia. A pergunta por alternativas hermenêuticas, no caso desta reflexão por alternativas de uma hermenêutica feminista, faz parte do enfrentamento do fundamentalismo de nós mesmos.

4. Do Único e do Verdadeiro: as pretensões & desmesuras das mulheres

Os fundamentalismos e suas variáveis têm em comum a suspensão da escolha. Acreditando-se em fundamentos

16 - McLaren, Peter, multiculturalismo Revolucionário - pedagogia do dissenso para o novo milênio, Artmed, Porto Alegre, 2000, p. 31

fundamentais, paralisa-se a vertigem da interpretação. Se existem as verdades fundamentais, o que se espera das pessoas é que observem, decorem, repitam, cumpram, guardem, obedeçam, estudem. Como quem desiste de perguntar para que, até quando e se.

Esta suspensão do movimento da interpretação é na verdade fruto de um intenso esforço interpretativo que, sustentado por um pessimismo antropológico feroz e um pavor da história como antecipação, identifica e idealiza um passado sagrado: na forma do texto, na forma da autoridade, na forma do revelado.

Um grande esforço também é necessário em mascarar, ocultar, invisibilizar o esforço hermenêutico e a construção de sentido: os fundamentalismos precisam esconder seus pés, sua pertença e identidade para garantir para si este lugar supra-histórico das verdades e valores revelado. Suficientes por si. Em-si. E então... a religião é uma das linguagens primárias com maior capacidade de mostrar e esconder, de negar a pertença da voz no balbucio da prece, de dissimular o ordinário no extraordinário das revelações.

A tradição judaico-cristã respira este conflito na forma do revelado-por-si que, ao mesmo tempo, demanda uma auto-implicação tradutiva, explicativa, interpretativa que constitui o ser religioso como seres de *midrashes* e parábolas. Interpretação.

De muitos modos a tradição judaico-cristã na forma da Bíblia vai alimentar fundamentalismos extremíssimos. São aqueles e aquelas que afirmam acolher o texto em-si e cumprir. Fundamentalmente, ler o texto sem o texto acolhendo o que está revelado para além do texto. Neste sentido, facilmente se percebe o mal-estar dos fundamentalistas com o texto Bíblico que de tão afirmado-respeitado-seguido-reverenciado desaparece na sua materialidade e espiritualidade de livro. Suspensa e negada a interpretação, o livro desaparece e as narrativas ficam docilmente

disponibilizadas na forma de léxico a serviço dos interesses do poder.

O conflito está no texto bíblico como pergunta, mas contaminado pelo fundamentalismo o exercício interpretativo é suspenso e o texto se reduz na forma didática dos preceitos e morais.

Um exercício.

Duas casas (Evangelho de Mateus 7,24 a 27). Beira-de-mar. Uma na areia outra na rocha... e não se pergunta como e por que, histórias de escolher enunciam mal as opções porque têm pressa de dizer das conseqüências da escolha mais do que o exercício da escolha mesmo.

Um temporal vai ser o elemento de discernimento das escolhas feitas, dos fundamentos ou a falta deles. Um temporal, chuva o suficiente de vento para testar os alicerces das casas aparentemente iguais, mas fundamentalmente diferentes.

A casa na areia: cai.

A casa na rocha: permanece.

Outro exercício.

Duas mulheres (Lucas 10, 38 a 42). Uma visita. Jesus na casa de Marta e Maria. Uma agenda e outra agenda. O visitante ilustre — Jesus — como aquele que faz com que as escolhas revelem o elenco das prioridades e suas virtudes. O que é fundamental? Marta... Marta! A que se ocupa de... Maria a que escolhe a melhor parte aos pés de Jesus.

O fundamentalismo é assim a negação da possibilidade de escolha. Escolhas. Como se todas as perguntas já estivessem respondidas por princípio, na origem. Anula-se o drama humano de ter que escolher, pela afirmação dos fundamentos por si.

Um olhar mais cuidadoso vai perceber que o drama e o conflito de conhecer, interpretar e escolher é principalmente um problema para as mulheres no âmbito da tradição literária judaico-cristã.

Eva, a primeira. A mulher de grandes olhos abertos que viu para além do que a divindade e o homem haviam acertado entre si. Eva, senhora da menina de seus olhos. Vê e deseja. A árvore. O fruto. Entre o olhar e o desejo ela cria o seu próprio corpo, inventa outra fome e se lança de mão e boca. Puro erotismo modelando a carne e projetando alternativas. A árvore? Boa de se comer! Agradável... agradável aos olhos; gostosa na boca se adivinhava. Desejável para dar entendimento. O corpo que se projeta nos gestos, barro de desejo, inventa eroticamente o mundo. Produz conhecimento. Esticar os braços, agarrar com as mãos e colocar na boca. Ele come o que o desejo dela criou. Abrem-se os olhos. Estão nus. Examinados e acareados, Eva e o homem se dividem na culpa e se danam na moral que dita a lei sem os arrepios do desejo. A palavra criadora subordina o desejo inventivo. O trabalho criador amaldiçoa o corpo lúdico e curioso. Houve medo e castigo, o primeiro último dia da criação.

O mito de origem de Eva e sua escolha equivocada (Gênesis 3) é a explicitação de um conflito que perpassa todo o texto comprometido na formatação de um monoteísmo masculino que elimina o imaginário do corpo, em especial do feminino, no esforço de submissão, exclusão e destruição das antigas tradições das deusas no antigo oriente. Somos Eva... de pescoço quebrado: mulher de Ló.

Somos todas como a mulher de Ló (Gênesis 19): dor no pescoço de não saber escolher! Lá estamos nós: imobilizadas e salgadas de enxofre. Quem mandou olhar pra

trás? Ficou pra sempre na história e no imaginário como essa mulher que num golpe de vista se perde. Deixada pra trás como escultura em homenagem a todas as outras mulheres - mortas e vivas - e suas escolhas infelizes. O mundo se acabando em fogo e ira e ela!... escolhendo virar-se. O marido informado e organizado e ela!... desinformada ou burra: olha pra trás. O pescoço se move numa torção quase imperceptível. Para o lado e para trás quase ao mesmo tempo. O corpo todo se acende nos olhos que procura. O quê? Quem sabe...? Nem ela nem nós porque nunca ninguém quis saber o que moveu o corpo naquele ínfimo momento de decisão. Fulminante julgamento. Merecido castigo. Estátua de sal. O que me persegue e me deixa desassossegada é imaginar a postura, o movimento do corpo imobilizado, uma estátua de uma mulher em movimento no exato momento de decidir. Vênus imobilizada. Fragmento sólido e insignificante, o texto da mulher de Ló e seu pescoço não servem pra muita coisa... Mas fica a possibilidade de fazer a pedra de sal mover-se por um segundo: um sorriso no canto da boca quando a mulher escuta de longe as duas filhas acertando entre si engravidar do pai. Por um momento - de glória e revanche! - ela suspira aliviada e treme ao saber que o texto mais a frente imobiliza o pai Ló - velho e perdido - eo deixa à mercê da escolha das filhas: um pouco de vinho e deitar com o pai sem que ele saiba; engravidar e gerar dois povos. E assim, de transgressão e sal toda família tem um pouco.

E sobre esta imobilidade hermenêutico-teológica, política e vivencial - que precisamos continuar conversando, fazendo teologia, re-escrevendo os textos sagrados e inventando outros: escrevendo com palavras... se feitas de carne.

Terceiro Momento

Os fundamentalismos são palavras contra os corpos, palavras sem os corpos, palavras apesar dos corpos. Palavras que se solidificam em políticas, palavras que silenciam palavras outras. A luta contra os fundamentalismos se dá na afirmação do corpo em suas relações como lugar de produção de conhecimento, de produção e reprodução da vida material, produção e fruição de prazer e beleza.

Conhecer/fazer/gozar são as motivações de uma hermenêutica do corpo que criam o espaço para a interpretação, a decisão e o exercício de poder. Não é um corpo singular: corpos plurais (classe+gênero+etnia). Não são corpos fixados em identidades: corpos mutáveis/ mutantes. Não são corpos metafísicos: corpos de corpos em relação.

O enfrentamento do fundamentalismo teológico e eclesiológico, assim como o enfrentamento epistemológico e político vem exigindo das teologias feministas suspeitas, redefinições, superações, críticas e demolições do aparato interpretativo patriarcal tido como normativo. Algumas possibilidades merecem ser reunidas aqui, de modo especial no campo da epistemologia, da economia e da erótica.

A seguir, faço o exercício de suspeita e crítica de modelos analíticos que, na negação do corpo como lugar de conhecimento/fabricação da vida/prazer, se associam e reforçam fundamentalismos e desigualdades.

1. Palavras ... se feitas de carne: epistemologia & hermenêutica

A hermenêutica, entendida como processo de decifração e doação de sentido e significado, pode ser feminista?

Mais do que um conjunto de técnicas de explicação de um texto, a hermenêutica entendida como esforço de compreensão da compreensão, faz sentido dizer feminista?

Ato fundante do humano, a interpretação é situar-se no mundo. Existe um situar-se no feminino plural?

Mais do que interpretação lingüística, a hermenêutica é o espaço que se abre pela/a/a interpelante. Pode ser *fala* que prescinde do *falo*?

A linguagem, como mediação do mundo e do pensamento, diz as coisas e seus gêneros. Gramática e sexo?

Falar de si. Falar de se: estas relações tão delicadas entre corpo e razão. A biologia e a cultura na ponta da língua. Simultaneidade de ontologia e epistemologia, a hermenêutica é um encontro histórico da linguagem com o mundo e suas relações. A hermenêutica se debruça sobre discursos historicamente produzidos, considerando as dinâmicas de produção do discurso e a abrangência de suas recepções.

Hanna Arendt aponta para formatações importantes na construção do discurso ocidental:

"Em suas duas mais famosas definições Aristóteles apenas formulou a opinião corrente na polis acerca do homem e do modo de vida político; e, segundo esta opinião todos os que viviam fora da polis — escravos e bárbaros — eram 'aneu logou', destituídos naturalmente, não da faculdade de falar, mas de um modo de vida no qual o discurso e somente o discurso tinha sentido e no qual a preocupação central de todos Os cidadãos era discorrer uns com os outros."¹⁷

17 - ARENDT, Hanna, A condição humana, Forense, São Paulo, 1983, p.37

Funda-se, assim, no pensamento de Aristóteles, a primazia do discurso como extensão da homossociabilidade e vice-versa. A polis entendida como espaço do político e do discurso se contrapõe ao espaço do trabalho e da casa. A polis se constituía na vida dos antigos como esfera da liberdade, da superação das necessidades de sobrevivência e superação — pela via política e do discurso — do poder dos ciclos e forças da natureza. O mundo dos bárbaros, dos escravos e dos afazeres da vida cotidiana na casa era limitado pela esfera da necessidade, da manutenção da vida, na aceitação dos limites e possibilidades colocados pela natureza e o corpo.

Assim, enquanto a polis era o espaço da palavra, da associação livre dos cidadãos, espaço de criação e recriação de bens simbólicos e sua interpretação, a família, a casa, o trabalho e a natureza ficavam restritos pela necessidade da subsistência e a carência de discurso e interpretação.

A *polis* é a forma que assume a associação de homens que se desprendem das atividades de sobrevivência, não que não tenham mais necessidades, mas porque no uso da violência, do discurso e na alienação do trabalho e da vontade de outros impõem o modelo político baseado no escravagismo.

"... a violência é o ato pré-político de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo."¹⁸

Mesmo reconhecendo que os mecanismos de opressão e alienação historicamente não têm sua origem na polis grega, o que se quer ressaltar é o vínculo originário entre a formação do discurso como elemento de poder exclusivo de um segmento social e o comprometimento com a formação da estrutura sócio-econômica. E na gênese do discurso que interpreta o discurso da polis que se pode reconhecer o simulacro da filosofia ocidental e seus movimentos de exclusão na consecução do sujeito hermenêutico privilegiado: o homem-do-discurso.

18 - ARENDT, *ibid*, p. 40

Simone de Beauvoir comentando as relações entre polis e escravagismo, diz:

"O homem quis esgotar as novas possibilidades oferecidas pelas novas técnicas: apelou para uma mão-de-obra servil, reduziu seu semelhante à servidão. No momento em que o homem se afirma como sujeito e liberdade, a idéia do Outro se mediatiza. A partir desse dia a relação com o outro é um drama: a existência do Outro é uma ameaça, um perigo. A velha filosofia grega, que nesse ponto Platão não desmente, mostrou que alteridade é a mesma coisa que a negação e, portanto, o Mal."¹⁹

Identificada ao biológico pelo fato de gerar e — de acordo com a divisão de tarefas — alimentar e socializar as crianças, a maternidade passa a ser a vocação natural da mulher, logo suas potencialidades e falas se limitam à esfera do doméstico e suas necessidades. A reprodução perde suas possibilidades de compreensão como gesto de cultura para se reduzir à esfera da necessidade, de manutenção e reprodução da espécie.

Alienada do âmbito do discurso e reduzida ao mundo da necessidade, da sobrevivência, ligada aos dramas e afazeres domésticos com *"...materiais sujos e perigosos da existência social, dando à luz e pranteando a morte, alimentando e cozinhando, desfazendo-se das fezes e equivalentes"*²⁰, as mulheres não participam plenamente da polis. Já a ação e o discurso masculinos se constituem como domínio e superação da necessidade, conquista e controle da natureza. Esta constituição do masculino significou acúmulo de força e meios para não só se especializar no controle da natureza, mas na submissão e o controle de outros homens e mulheres para o trabalho.

O doméstico perde qualquer possibilidade de compreensão de espaço de produção de saber, que se legitima no espaço público-masculino no desenvolvimento das questões de governo, científicas, teológicas, artísticas e filosóficas.

19 - Beauvoir, op. cit., p. 100.

20 - ROSALDO, M., A mulher, a cultura e a sociedade, Paz e Terra, São Paulo, 1979, p.47.

Violência e exclusão estão presentes nos conteúdos e nos procedimentos desta dinâmica de produção de conhecimento, estabelecendo modelos e mediações interpretativas que fazem da violência e exclusão sustentáculos do discurso e da linguagem sobre/do mundo.

"... eis porque, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, e sim ao que mata."²¹

O modelo de produção de discurso e sua hermenêutica que se ergue desse movimento consolida binários fixos que estão presentes e resistentes no pensamento ocidental: a pólis contra o doméstico, a cidade contra o campo, o homem contra a mulher, o senhor contra o escravo, o cidadão contra o bárbaro, a liberdade contra a necessidade. Este modelo se pretende absoluto e se desenvolve a partir de opções ontológicas e epistêmicas que por muito tempo — e ainda hoje! — condicionam a linguagem, o conhecimento e sua interpretação

"Na construção dos grandes modelos teóricos e políticos que, na sua positividade procuram dar respostas totalizantes às interrogações da sociedade, não há lugar para o sujeito da paixão. Sob o argumento de que todas as questões humanas já estão contidas na concepção metafísica da história, as paixões passam a ser, também, coisas abstratas e gerais. A teoria política tornou-se um conjunto de normas e idéias intemporais, válidas para todos os momentos e circunstâncias e, portanto, separadas dos impulsos afetivos do pensamento e da ação. A busca do sujeito da paixão, a partir da crise dos grandes modelos explicativos, é um dado novo."²²

21 - BEAUVOIR, op.cit., p.84

22 - NOVAES, Adauto. Os sentidos da Paixão. Companhia das Letras, São Paulo, 1986, p.13.

Se este modelo hermenêutico se constituiu como hegemônico, o fez em constante contradição com outras possibilidades e modelos, mantendo a violência — física e simbólica — como elemento de garantia da hegemonia. Também é possível perceber que o desenvolvimento e manutenção desse discurso ocidental e masculino pode assimilar frações de articulações diferenciadas, desde que não comprometa o conjunto do sistema epistêmico e hermenêutico.

A crise dos grande modelos explicativos, e suas hermenêuticas, vem se agudizando depois das duas guerras mundiais do século passado e os processos tecnológicos e políticos de disputa pelo controle da hegemonia geopolítica e do mercado. A globalização desigual e excludente das conquistas da modernidade e a fragilidade dos modelos explicativos da pós-modernidade vêm comprometendo as estruturas de poder e saber dos impérios modernos e seu protagonismo ocidental e patriarcal.

É no âmbito dessa crise dos grande modelos explicativos que se pode identificar a trajetória das teorias feministas como parte da crítica e busca de superação dos aparatos violentos e excludentes de produção de conhecimento, seus discursos e interpretações.

Estas críticas e propostas de superação não são uma reação iconoclasta que resiste ou destrói por princípio todas as conquistas feitas até aqui. A pergunta por outras possibilidades e alternativas de organização de poderes, fazeres e saberes é um processo de explicitação de novos sujeitos políticos (tão antigos!) que afirmam novos protagonismos.

Sem pretender justapor modelos, as teorias feministas compartilham do esforço de crítica, alimentado nos movimentos organizados de mulheres e nas suas lutas emancipatórias e de libertação em constante diálogo com outros movimentos e autores

e autoras que não aceitam separar o pensamento do mundo dos impulsos afetivos, do pensamento e da ação.

Longe de ser uma possibilidade hermenêutica que se ergue em paralelo, reivindicando para si status e legitimidade, uma hermenêutica feminista participa da tentativa de abrir um espaço à invenção do saber, ou melhor, a novos saberes que correspondam às experiências políticas e afetivas de redesenhar os poderes e as relações.

1.1.Deslocando conceitos e fundamentos: o corpo das motivações

Participo da construção de um reflexão feminista da libertação que tem motivos centrais, rompendo, assim, com o pensamento centrado em fundamentos e conceitos centrais. Esta inversão deve ser compreendida da seguinte maneira:

"O motivo é o que vai surgir e ao mesmo tempo o que guia este surgimento... o motivo como origem. Não como causa passada, mas como inquietação que motiva a obra, sustentando seu fazer-se no presente."²³

Se não se sustenta em conceitos, a reflexão perde seu centro e seu ponto de apoio na tradição, no já dito, mantendo uma dinâmica de desconstrução da tradição, trabalhando também com a não-consciência que é o que retém e seleciona a tradição.

Sem pressa de supressão ou síntese do que é diferente, a reflexão não busca o centro do conhecimento ou o significado em si, mas aceita o perigo da reflexão que convive com motivações, com outridades que não o eu-universal.

Se por um lado pode parecer que esta dinâmica pulverize o conhecimento num relativismo, por outro lado, a convivência das

23 - CHAUI, Marilena, Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo, Brasiliense, São Paulo, 1981, p. 194.

outridades constrói a possibilidade da afirmação e interação do particular no universal, buscando uma relação orgânica e constitutiva entre "todo" e "parte", uma *"universalidade oblíqua - feita de simultaneidades de dimensões, diferenciadas e entrelaçadas."*²⁴

1.2. Das motivações do vivido

Se no exercício da produção do saber não há mais um conhecedor absoluto que sobrevoa o real e tenta dissimular sua pertença a este mesmo real, a reflexão vai perguntar não mais por aquele-que-conhece, nem por aquilo-que-é-conhecido, mas por aquilo que sustenta o exercício mesmo de conhecer: o vivido.²⁵

Compreender a produção de conhecimento e o exercício interpretativo a partir do vivido (posição na vida, no trabalho, na história, no cotidiano, etc.) se distancia da metafísica — que trata o vivido como episódico cultural e como base residual não fundamental ao trato com a verdade das coisas.

Identificar as perguntas sobre o vivido não pode se reduzir a um psicologismo existencialista. Significa questionar a idéia de ponto de partida para o conhecimento, rompendo com a pretensão exclusiva de posse intelectual e racional do real. Uma reflexão que faz perguntas sobre o vivido inaugura o ato de conhecer, de interpretar como ato de compreensão vertical e circular, isto é, de simultaneidades operativas integradas nos corpos.

1.3. Das motivações do corpo

O corpo é esta posição de verticalidade e circularidade. Em sua espacialidade e temporalidade, é o corpo que conhece e

24 - 24ibid., p. 184.

25 - MERLAU-PONTY, M., O visível e o invisível, Perspectiva, São Paulo, 1976, p. 105.

viabiliza a compreensão do/da Outro/Outra. O corpo entendido como espacialidade e motricidade, recinto e residência, não diz respeito ao cogito mas ao compreendo que é ao mesmo tempo constituinte e constituído pelo corpo.

Porque é expressão, mais do que técnica e biologia, o corpo é fala encarnada de significados e modos de se situar e vivenciar relações. É sexuado, é posição, atitude, maneira de existir com/ contra o/a Outro/Outra. É um espaço topológico e não geométrico. E o corpo que preenche e qualifica o tempo (muito, pouco...) e o espaço (longe, perto...).

O corpo marca topologicamente o mundo com interpelações que se constroem pelo afetivo-situacional (lugar de nascimento, de experiências importantes, transformações e crises, etc.). Estas interpretações se erguem como marcas distinguidoras e significadoras que se relacionam com situações interpretativas novas. O corpo é ao mesmo tempo interpretação e interpretante.

É o meu corpo que me dá a possibilidade de intuir e experimentar o corpo do/da outro/outra e vice-versa. O corpo entendido como corpo cognoscente viabiliza o-que-não-sou-eu, viabiliza a diferença e a simultaneidade, para o reconhecimento de outridades de pensamento e fala. Este distanciamento e aproximação são fundamentais para o exercício hermenêutico que não seja repetição da tradição.

O corpo é assim feixe de correspondências e vinculações, de existência e consciência, não sendo preciso uma hierarquia entre os termos.

Então, a verdade não é de uma ordem ou esfera superior, interior ou para além do corpo, mas a verdade se coloca na mesma ordem das percepções, quer dizer, sustentadas por pressupostos e juízos que não nos são reveladas pela consciência, mas no confronto do corpo em sua espessura temporal e seu engajamento espacial, como também no confronto/encontro com o/a Outro/Outra.

"A subjetividade concreta é inseparável do mundo e, portanto, do corpo."²⁶

Assim, se inviabiliza um espectador absoluto, um articulador absoluto da fala que pressupõe a soma indistinta de indivíduos sem corpo, sem significações, sem data e sem localização. Ruptura radical com a fala da essência.

1.4. Entre o corpo e o vivido: o discurso interpretativo

Nesta perspectiva, a crítica se move tanto em direção ao marxismo como ao existencialismo na tentativa de atrelar e reduzir a fala interpretativa à objetividade dos fatos, sem perguntar por suas sustentações, sem dar conta das sedimentações pela via dos poderes e hegemonias que emolduram as interpretações. Tanto a consciência de classe quanto a subjetividade essencial do sujeito precisam dos conceitos como máscaras que reduzem a diferenciação das simultaneidades. Deslocando-se dessas reduções conceituais é que se faz necessário insistir nas relações e desdobramentos do visível e do invisível, o real e o imaginário.

O que se quer evitar são as compreensões da psicologia-intelectualista ou da filosofia fenomenológica reflexiva que têm em comum a constituição de um sujeito universal ou um ego transcendental. A motivação deve ser a de *"...substituir as noções de conceito, idéia, espírito e representação pelas noções de dimensão, articulação, nível, charneira, pivô, configuração."*²⁷

1.5. Corpo epistêmico: reversibilidade dos sentidos

A hermenêutica re-criadora vai, necessariamente, precisar ser um diálogo de suspeita e crítica, diálogo e argüição com a tradição

26 - Merleau-Ponty. *ibid.* P.108.

27 - CHAUI, *op. cit.*, p.252

e o senso comum. Este duplo movimento vital à hermenêutica é chamado por Merleau-Ponty de "geologia transcendental"²⁸.

A geologia dos significados e significantes já dados se faz necessária, uma vez que tradições e usos se tornam compactos e perdem sua dimensão espacial e temporal deixando uma herança de palavras, costumes, leituras e conceitos que determinam a priori a reflexão. Na geologia transcendental a valorização do impensado e do vivido é que criam o estranhamento necessário e a suspeita das camadas já sedimentadas nas idéias e no discurso lógico e formal.

O impensado é visto de forma negativa pela tradição metafísica que o qualifica como falta, desabitado que pede preenchimento para ter sentido. E preciso entender o impensado não como falta mas como excesso²⁹. E o impensado que mantém a fala aberta, garantindo uma temporalidade e uma facticidade ao mesmo tempo encarnada e sempre renovável no sentido do que ainda pode vir-a-ser. O impensado é o referencial e o vivencial que dá circularidade a uma fala reflexionante. E o espaço poroso do não-dito que possibilita a construção do sentido. Porque compreender é fazer opções, tomar posição incluindo o dito e o não-dito, o visível e o invisível, o pensado e o impensado. É uma fala que se interroga, que compreende ao mesmo tempo que elucida seus motivos.

O corpo reflexionante transtorna a reflexão e abre espaços de significado porque experimenta a reversibilidade dos sentidos. Os sentidos não são só operação biológica, mas são interpretativos no *"olho que apalpa, as mãos vêm, os olhos se movem com o tato, o tato sustenta pelos olhos nossa imobilidade e mobilidade..."*³⁰

No esforço hermenêutico o corpo em relação elucida seus sedimentos de significado e suas motivações, desmascarando

28 - MERLEAU-PONTY. M. O olho e o espírito. Os Pensadores. Abril Cultural, 1979, p. 292.

29 - CHAUÍ, op.cit. p. 186

30 - MERLEAU-PONTY. O visível e o invisível, op.cit., p. 134.

os conceitos e binários fixos que pretendem 'invisibilizar a fala genericamente (de relações sociais de gênero) construída.

2. *Palavras... se feitas de carne: economia & hermenêutica*

A partir destas motivações, um exercício que me parece importante é o de revisitar a tradição interpretativa do marxismo, em especial na sua vertente sociológica e econômica, tratando de fazer a geologia de certos modelos interpretativos de grande relevância no âmbito latino-americano, de modo especial na discussão do ecofeminismo.

No centro da discussão está o trabalho como atividade vital de produção e reprodução da vida material e seus significados. A discussão sobre modos de produção toma a organização do trabalho numa determinada sociedade como lugar privilegiado de avaliação e conhecimento — como também de intervenção política — de uma sociedade historicamente determinada.

Para Marx o trabalho é um processo, uma relação entre o *homem* e a natureza. Aqui deveríamos entender Homem (não como suposta generalidade, mas como designação residual do gênero masculino) e Natureza (como suposta entidade ou objeto que se reduz à matéria prima e meio de produção — terra, água, etc.).

Por meio do trabalho o Homem assegura, regula e controla a Natureza transformando-a em produtos. Os produtos e as mercadorias seriam os materiais naturais transformados em órgãos da vontade humana para dominar a natureza e para nela se realizar.³¹

Assim, o trabalho entendido como processo de produção implica num processo de produção social, uma vez que os produtos têm um fim social determinado, um valor de uso e mecanismos que organizam a distribuição e o consumo. Neste sentido, o modo de

31 - CHASSIN, J. Rota e perspectiva de um projeto marxista, in: *Ad Hominem*, tomo I O Marxismo, Ad Hominem, Santo André, 1999, p. 75

produção econômico organiza a totalidade social, distribui papéis e funções, cria relações e distribui poder.

Conhecendo estes mecanismos do modo de produção conhece-se uma sociedade determinada, visibilizando as relações de poder a partir da identificação dos mecanismos de apropriação e controle da natureza e da riqueza socialmente produzida, isto é, a apropriação da mais-valia.

Um dos aspectos importantes da discussão marxista que tem sido negligenciada é o da função de reprodução econômica e ideológica.

Uma formação social deve ser capaz de reproduzir de modo contínuo suas condições produtivas³², isto é, o sistema sócio-econômico precisa criar mecanismos de auto-manutenção de cada uma de suas partes e do sistema todo como conjunto. Esta auto-manutenção não significa petrificar o sistema sócio-econômico, mas dar condições de continuidade e maleabilidade que não crie situações de ruptura ou crise, que no caso do capitalismo seria a inviabilização do lucro.

Assim, é fundamental que se garanta a reprodução dos meios de produção, das forças de produção ou força de trabalho e das relações de produção.

A reprodução dos meios de produção poderia ser entendida — de modo simplificado — como a manutenção do acesso aos elementos básicos ou matéria-prima. Entende-se aqui o controle da posse da terra, da água, madeiras, minérios, ventos e sol e tudo que for apreendido pela técnica do trabalho na produção de produtos. A reprodução dos meios de produção se expressa basicamente pelo status de propriedade e suas dinâmicas de manutenção: jurídica, cartonais, ideológicas, etc.

32 - GODELIER, Maurice, Hipótese sobre a natureza e as leis de evolução do modo de produção asiático, in: *Conceito de Modo de Produção, Paz e Terra*, São Paulo, 1978, p. 79

Aqui se faz necessário destacar a importância da reprodução do sistema vital como matéria-prima básica da produção de mercadorias e valor de uso. Avaliar um determinado modo de produção significa também avaliar a capacidade de uma estrutura social de garantir a estabilidade e a auto-reprodução dos recursos naturais imprescindíveis. É uma perspectiva pragmática que entende a natureza e seus recursos como objeto, como um passivo do processo de produção.

A **reprodução da força de trabalho** é a reprodução da capacidade de trabalhar, isto é, os mecanismos sociais necessários para repor a força de trabalho. Aqui duas dimensões são fundamentais: o trabalho doméstico e o processo geracional, isto é, ter filhos e filhas.

O trabalho doméstico e a vida cotidiana são os processos de reposição das necessidades do/da trabalhador/a. Significa o esforço social e o trabalho continuado de manter materialmente as forças corporais de tal modo que o sujeito do trabalho se apresente para exercer suas funções. Cozinhar, limpeza do espaço de moradia, roupas e seus cuidados, cuidados de saúde, organização e manutenção de víveres, etc. Estas atividades e seus desdobramentos e variações compõem o âmbito do trabalho doméstico que deve ser entendido como elemento vital de reprodução de um sistema econômico.

De certo modo, os estudos marxistas não consideram as atividades domésticas como trabalho, uma vez que não produzem produto, isto é, não se objetiva numa mercadoria. As feministas marxistas insistem na perspectiva que o trabalho doméstico é também produtivo, uma vez que produz a mercadoria, força de trabalho. De modo evidente o trabalho doméstico viabiliza a manutenção da força de trabalho, ficando também como trabalho alienado uma vez que — basicamente estruturado como trabalho não pago ou mal remunerado — se apresenta como um mecanismo

a mais de produção e apropriação de mais valia.

A segunda dimensão fundamental é a reprodução geracional: a capacidade de reprodução da nova geração que vai ser socializada dentro de uma sociedade determinada. Significa repor materialmente os indivíduos dentro da lógica de divisão e atribuição de poder no quadro social.

Atividades como relação sexual, gravidez, parto, maternagem, socialização das crianças são atividades vitais para a reprodução da vida material e da sociedade. Estas atividades que se estruturam a partir do repertório biológico e cultural respondem diretamente às necessidades do sistema econômico de se reproduzir.

Subordinadas às dinâmicas do espaço familiar e restritas ao mundo doméstico estas atividades são diretamente controladas, também, pela concepção de propriedade e seus mecanismos de manutenção: jurídico, cartorial, ideológico e religioso. De modo específico, as políticas populacionais e ambientais são sub-produtos dos sistemas econômicos com vistas à sua auto-manutenção.

Neste sentido, estas duas atividades culturalmente construídas como femininas acabam sendo percebidas como elementos secundários do fator determinante: o modo de produção de mercadoria e apropriação de mais-valia. A questão geracional reaparece na equação do metabolismo social quando se trata da análise dos mecanismos distributivos e de consumo.

O problema destas concepções é que elas se situam dentro de um marco de economia e ciência que, mesmo que erguidas por projetos emancipatórios, conciliam com um projeto de totalidade que marginaliza e subordina violentamente a natureza e as mulheres. Neste sentido, mesmo reconhecendo as motivações libertárias do pensamento marxista, não há como não situá-lo dentro do marco desenvolvimentista do modernismo, que ao lado de toda expansão bélica e militar estruturam o mundo de viés masculino.

O entendimento da organização do modo de produção como eixo da estrutura social compartilha com uma visão de dominação e sujeição dos *objetos* por meio da técnica. O elogio do trabalho produtivo — que pode se expressar no endeusamento da ciência e da técnica — reduz os mecanismos de reprodução da vida material e simbólica ao lugar dos objetos a serem dominados, planejados e objetos de gestão.

Ao não ser capaz de criticar o patriarcalismo e o antropocentrismo intrínseco a sua estrutura de análise, a reflexão marxista contamina as práticas e as interpretações de uma visão mecanicista e depredadora. Pela contramão da história elementos do materialismo histórico e sua determinante economicista compartilham com a voracidade e o poder destruidor do capitalismo em todas as suas caras. Filhos do mesmo tempo e da mesma racionalidade, mesmo reconhecendo as motivações programáticas distintas, os instrumentais de análise disponibilizados pelas ciências analíticas e interpretativas do modernismo evidenciam uma matriz cultural sexualmente definida que

"... não se dirige antes de tudo ao conhecimento e à melhora da vida humana, mas à sujeição e ao domínio... daí a conclusão de que a separação estrita entre sujeito e objeto, tal como subjaz à ciência moderna, tem de ser posta em tela de juízo."³³

2.1. Palavras ...se feitas de carne: erótica & hermenêutica

O amor. De tudo que já se disse... e um pouco mais. O que não é dito.

As novelas. As músicas. As revistas. Os filmes. Os livros. A procura. A perda.

33 - Harding, Sandra. citado em: KURZ, Robert, Natureza em ruínas, Folha de S. Paulo, 18 jun.2001, p. 14.

"Com a retórica do amor-paixão, constituiu-se não apenas uma forma nova de relações entre os sexos, mas também uma das figuras mais singulares da aventura ocidental moderna".³⁴

Dizem os entendidos — e aqui procuro a interlocução com os textos escritos por homens — que a *invenção* social do amor no ocidente é também a mais refinada metáfora de construção das identidades de homens e mulheres.³⁵ Há uma desigualdade de significação do amor. Não se trata de um amor melhor ou pior, mas sim uma distribuição desigual de informação e formação, vivência e expressão amorosa: qualidade, quantidade, intensidade, profundidade, aderência, permanência, risco, tontura e medo, prazer e dor.

As culturas modernas formataram o feminino como uma predisposição *natural* para o amor e seus afazeres. Assim, as mulheres estão encurraladas na sensibilidade sem escolha e assimiladas num imaginário caótico e irracional, enquanto os homens ocupam o lugar supostamente confortável do sexo sem amor.

"As visões tradicionais da mulher como ser de excesso e de desmedida, assim como as ideologias modernas que se recusam a considerar a mulher como um indivíduo autônomo vivendo para e por si mesmo, contribuíram para conjugar estreitamente identidade feminina e vocação para o amor".³⁶

As mediações da fabricação do amor são muitas. De modo especial, a literatura tem sido um dos cenários privilegiados de produção de metáforas, símbolos, imagens e avessos do mito ocidental do amor romântico.

A teologia, de modo eficiente e sistemático, tem sido um dos discursos que, ao longo dos séculos, vem contribuindo no reforço do amor como vocação das mulheres. Ainda hoje se sente a veemência

34 - LIPOVETSKY, Gilles, A terceira mulher - permanência e revolução do feminino. Companhia das Letras, São Paulo, 2000, p. 19.

35 - BLOCH, R. Howard. Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental, Editora 34, São Paulo, 1995.

36 - LIPOVETSKY, op.cit, p. 24.

da construção cristã dos Padres da Igreja sobre o assunto:

- A feminização da carne;
- A estetização da feminilidade, a associação da mulher com o cosmético;
- A condenação ontológica da esfera das representações e de tudo que é prazeroso ligado ao corpo.³⁷

Estes discursos e estas tradições teológicas tiveram — e continuam tendo — grande influência nas artes de um modo geral e, em particular, na literatura e na poética, sendo elemento vital de definição dos gêneros sexuais e também de formatação da linguagem religiosa como lugar privilegiado de distribuição desigual do amor e da erótica em relação a homens e mulheres.

Nas veiculações midiáticas hegemônicas as mulheres são o léxico, corpos que exercitam a língua masculina na fala do amor. O mal-estar está na linguagem, no falo masculino que produz um discurso mal-amado.

Metaforizadas, as mulheres acolhem suas identidades produzidas e silenciosas, as mulheres, se oferecem como sinônimos para o amor impossível, o amor domesticado e o amor devorador.

A linguagem erótica e do discurso amoroso desconhece a alteridade da mulher: ela passa a significar a que tem menos, a quem falta algo, a que não sabe querer, a que deseja desmesuradamente.

"A mulher é faltante, segundo a ordem fálica."³⁸

A mulher participa da linguagem amorosa como vítima, como sedutora ou como impossibilidade.

"Que o corpo feminino deva permanecer intocável, ou porque representa o Mal, ou porque deve permanecer puríssimo, são dois modos equivalentes de fazer com que ele não se revele..."³⁹

37 - BLOCH, op.cit. p. 17.

38 - KHEL, Maria Rita, Cinco Propostas sobre a Filosofia Libertina e uma sobre Assédio Sexual, In: Libertinos Libertários, Companhia das Letras, São Paulo, 1996, p.333.

39 - ibid., p. 340.

Assim, entre assexuadas ou corriqueiras (como as esposas/mães), o cristianismo disputa com o mito do amor romântico no ocidente o controle dos discursos sobre as mulheres. Permanecer numa posição inacessível continua sendo uma das tarefas que a cultura ocidental cristã designa para as mulheres. Presas nos discursos do amor (materno, romântico, aos pobres, ao sagrado, à família, etc.) ou nos modelos da sensualidade devoradora as mulheres são mantidas numa passividade necessária para a manutenção da hegemonia masculina.

A crítica dos discursos de amor em suas variações e seus usos na literatura, nos meios de comunicação de massa (no imaginário musical, da telenovela e da propaganda, entre outros) coloca uma tarefa de interlocução e de ampliação para a hermenêutica feminista da libertação na América Latina. É preciso denunciar a prisão da mulher no discurso masculino hegemônico, denunciar a permanência da mulher como "o outro do discurso"⁴⁰.

Esta habilidade crítica e criadora capaz de denunciar "atitudes mitológicas de uma comunidade lingüística" tem sido um dos desafios que as teologias feministas vêm desenvolvendo em relação ao texto bíblico - entendido como uma das comunidades lingüísticas mais eficientes na criação de metáforas aprisionadoras para as mulheres e também para os homens mal-amados.

Estes dilemas e questões não podem ser enfrentados no suposto campo isolado da teologia ou das ciências bíblicas. Este isolamento metodológico tem sido um dos modos de sustentação da invisibilidade da fabricação das identidades de gênero no âmbito do fenômeno religioso.

A interlocução com a literatura, a antropologia, a economia, a psicologia — entre outras disciplinas — exige da hermenêutica bíblica transparência, legibilidade e um desejo de ser realmente compreendida fora dos limites conhecidos e previsíveis da teologia e das igrejas.

40 - *ibid.*, p. 340.

Assumir uma conversa sobre as relações sociais de gênero e os discursos, práticas, rituais, procedimentos e *coisas* do amor entre pessoas precisa, necessariamente, de linguagens outras em que a *psicologia da composição* seja mais aparente e menos controlada do que o léxico e o vocabulário consensual da hermenêutica bíblica entre nós na América Latina.

A hermenêutica feminista da libertação quer ser uma leitura crítica e criativa sobre a erótica e o discurso amoroso, buscando uma possibilidade de desvendar os comprometimentos e as armadilhas da linguagem religiosa anti-feminista, que participa no reforço da miséria amorosa e erótica em que nos encontramos — homens e mulheres — e sua relação com os mecanismos de expropriação e opressão.

Na América Latina convivemos com cotidianos de desgaste, relações cansadas e cansativas, fantasias impronunciáveis, desejos adiados e a capacidade enorme de aceitação do marasmo erótico e amoroso como se não soubéssemos que os mecanismos de dominação precisam de corpos eroticamente alienados para impor seu projeto. Um projeto libertador precisa conhecer seus pontos erógenos, precisa se deixar seduzir pelo sagrado presente em todo o mundo habitado.

"Criação. O Espírito nos dá a criação, sacramento, jardim. Ele dá a humanidade como corpo, corpo desnudo, corpo macho, corpo fêmea, corpos que nada precisam esconder, tudo era bom, os olhos eram bons, imagem de Deus. Corpo, dádiva de Deus, destinado à eternidade."⁴¹

Sem precisar fazer — pelo avesso — o elogio do erotismo como lugar exclusivo de plenitude, mas inserindo-o como dimensão fundamental da reprodução simbólica e material da vida, a leitura bíblica libertadora tem diante de si o desafio de assumir as

41 - ALVES, Rubem. Creio na ressurreição do corpo, Cedi, Rio de Janeiro, 1983, p. 7.

possibilidades, as contradições e os limites das vivências eróticas e amorosas nas construções de modos de vida e de sociedade.

3. Quase conclusão: hermenêutica & corpo

"Pensamos encontrar Deus onde o corpo termina: e o fizemos sofrer e o transformamos em besta carga, em cumpridor de ordens, em máquina de trabalho, em inimigo a ser silenciado, e assim o perseguimos, ao ponto do elogio da morte como caminho para Deus, como se Deus preferisse o cheiro dos sepulcros às delícias do Paraíso. E ficamos cruéis, violentos, permitimos a exploração e a guerra. Pois se Deus se encontra para além do corpo, então tudo pode ser feito ao corpo."⁴²

O desafio e a motivação para uma hermenêutica feminista vêm das ruas, dos movimentos contra a tortura, das mães e avós procurando pelos corpos desaparecidos de filhos e filhas, dos movimentos de mulheres contra a exploração de seus corpos, dos movimentos de proteção de crianças, de grupos ambientalistas e a urgência do cuidado do corpo do mundo, dos movimentos de trabalhadores e trabalhadoras organizados que afirmam a santidade da força de trabalho em greve diante da máquina, da luta do movimento sem-terra pela ressurreição do corpo, da terra e água.

De tantas maneiras o corpo deixa de ser lugar de negação e de sofrimento e se afirma como lugar de criação e de prazer que era impossível não aprender a dizê-lo de outra maneira também em nossas orações. Foi e tem sido um aprendizado difícil e desafiador.

Afirmar a ressurreição do corpo como plenitude erótica que nos humaniza traz desafios para a teologia e o jeito e o que dizemos de Deus. Traz desafios para quem trabalha com a Bíblia.

42 - Ibid., Introdução

Os símbolos e imagens, metáforas e relações que habitam nossas orações, liturgias e teologia se referem ao elenco de histórias bíblicas. Nosso léxico, nossa linguagem de corpo e de discurso se alimentam do cardápio de personagens, enredos, estruturas, mitologias, seqüência e representações das tradições bíblicas vivas também nas culturas por caminhos de imposição, de assimilação ou de reinvenção.

O que se construiu como senso comum no imaginário social a partir das tradições bíblicas é uma mescla entre um deus incorpóreo, puro espírito, e homens e mulheres cheios de ordenações e danações em seus corpos pecadores e mortais. Esta visão simplificada, violentamente monolítica e restrita do texto bíblico é a que prevalece nas catequeses, escolas dominicais, nas representações artísticas e nas liturgias.

Infelizmente é a visão que continua perpassando também a leitura bíblica popular e ecumênica que fazemos na América Latina. Ainda não fomos capazes de incorporar uma visão crítica da demonização do corpo e do erotismo nas versões oficiais do judaísmo-cristianismo, nem capazes de articular criativamente as descobertas e alternativas que a arqueologia, antropologia, psicanálise trazem para uma experiência religiosa mais integrada. Nossas leituras bíblicas continuam reforçando uma perspectiva de Deus impessoal, separada da humanidade e seus corpos, da natureza e seus corpos.

O desafio latino-americano tem sido o de, mantendo-se no âmbito das tradições libertárias e revolucionárias ocidentais, criticar e re-inventar teorias e práticas a partir de tradições e utopias autóctones. Esta é uma tarefa que ainda está em curso e que exige muita radicalidade, maleabilidade e capacidade de auto-crítica.

A busca de alternativas não pode ser entendida como afirmação

do corpo autônomo como expressão de um individualismo liberal, escondendo as construções sociais que emolduram as estruturas de linguagem e de poder. Trata-se de buscar romper com o impasse paralisador que nos coloca sempre de novo tendo que escolher entre o individual e o coletivo, entre os sentidos da paixão e a razão, entre técnica e sensibilidade. Trata-se de afirmar os corpos como lugar de interpretação, texto e leitura do mundo e suas relações.

Neste sentido, o desenvolvimento de uma reflexão e hermenêutica feministas latino-americanas não podem se esquivar de fazer o enfrentamento do instrumental de análise sociológico que ainda estrutura e emoldura os roteiros, os processos de formação, as publicações e as percepções das totalidades, das relações e dos significados partilhados pelos movimentos emancipatórios e de libertação no Brasil e na América Latina.

Longe de ser uma desistência das motivações e dos esforços libertários, as reflexões feministas recolocam as questões de forma radical, descendo bem mais fundo e demonstrando que a superação dos paradigmas epistemológicos patriarcais não se reduz a uma crítica superficial do discurso, mas precisa se deter e enfrentar a discussão de produção e reprodução da vida material e simbólica.

E o poder. Não somente do poder imposto de fora como telescópio inamovível com lentes de religião e estado, mas o poder alojado nas estruturas das ciências e suas disciplinas que *"encorajam a inserção de novas descobertas nas suas constelações de discurso já cartografadas, mudando seu foco apenas lentamente, para se adaptar à maré dos tempos"*⁴³.

Fica mesmo o desafio de ter que fazer tudo ao mesmo tempo, reciclando e re-inventando tradições analíticas e interpretativas, mantendo o exercício da suspeita e da des-construção nas práticas

43 - BUCK-MORSS, Susan, Walter Benjamin: entre moda acadêmica e avant-garde, in: Crítica Marxista, Boitempo, São Paulo, 2000, n. 10, p. 51.

e leituras feministas. Criando articulações, recusando parcerias e inventando outras. Lidando com o imediato e mantendo o desejo e a militância de um projeto popular. Mais do que indignação e do zangar-se, fica o desafio de criação de espaços de reflexão, informação e formação, de modo especial para que as mulheres possam afirmar-se como sujeitos de interpretação, direitos e criação.

Estes espaços de formação devem ser construídos a partir das experiências das mulheres concretas, suas leituras da realidade e alternativas de fé, evitando simplificações e reduções, e articulando agendas e consensos mínimos no esforço de compreensão, crítica e superação do fundamentalismo e seus efeitos e violências na vida das mulheres e comunidades. Espaços para organizar a luta contra a heresia das relações incestuosas entre igreja e Estado (qualquer um!). Espaços de exercícios de dissensos e dúvidas. Espaços de afirmações e motivações. Um espaço de janelas abertas e camas desarrumadas.

Quarto Momento

1. Janelas abertas & camas desarrumadas: uma espiritualidade para tempos de interpretação e decisão

Entre a ordem do Pai e a paixão do Filho, um Espírito abre janelas sobre a condição humana: ordenações e danações de estar viva!

Melhor que sejam três para que o rigor da ordem e o sacrifício que veste a paixão não nos esmaguem com suas exigências de sistemáticas teologias.

Era pra ser um triângulo perfeito, pluralidade contida, mas a ponta do Espírito desfaz a geometria para se abrir em espaços de relação. E a partir destas janelas que minha tradição cristã protestante não me impede de louvar o sagrado esparramado na vida do povo pobre, nestas terras do Brasil. Relacionar, misturar, juntar, confundir, conciliar. O Espírito sopra aonde quer...

No romance de Jorge Amado **Dona Flor e seus Dois Maridos** ambigüidade e simultaneidade se expressam na vida de Flor: mulher dividida entre o amor do marido morto (malandro, boêmio, irresponsável, festeiro, mulherengo) e o amor do segundo marido (ordeiro, previsível, responsável, provedor, fiel). Se com o primeiro marido a vida de Flor era plena de desordem e sensualidade, com o segundo Flor conhece a tranqüilidade deserotizada do casamento.

No imaginário do romance a mulher não se conforma com a paixão que exclui a ordem e a desordem que exclui a paixão. Ela pergunta:

Por que cada criatura se divide em duas? Por que é necessário sempre se dilacerar entre dois amores? Por que o coração contém de uma vez os dois sentimentos controversos e opostos? Por que optar se quero as duas coisas?

A narrativa fantástica abre então uma janela inesperada: um triângulo impossível mas desejado se realiza na cama da mulher. Ela recebe m e outro em sua cama. E novamente amada com fúria e prazer pelo Amor que a morte não matou. E amada com cuidado e constância pelo Amor do outro. Desenvolve uma dupla relação que não exclui nem harmoniza, mas que relaciona, mistura, junta, confunde, concilia. Reúne paixão e lei, liberdade e controle, trabalho e malandragem, sexo e casamento, excesso e restrição, surpresa e rotina, ideal e real, vida e morte. Janela do Espírito.

Ela não precisa escolher nem se esforçar em sínteses redutoras. Vive intensamente — circularidade e oscilação — um imaginário capaz de libertá-la de formas repressivas que aprisionam.

A obra literária é espelho e se espelha no que somos e vivemos no Brasil, talvez de modo mais corajoso que as teologias. Identifica em nossa história e cultura essa tensão não resolvida entre a ordem que convive com a miséria e a paixão que não tem como organizar alternativas. Vivemos assim: sempre confrontadas com escolhas impossíveis.

Uma boa dose das tradições religiosas do cristianismo e do imaginário bíblico — entendidos como parte da cultura e da ciência ocidental hegemônica — alimentam esta fome devoradora das escolhas e seus binários fixos. É ao mesmo tempo um dualismo epistemológico e ético⁴⁴ que organiza a realidade e as relações na forma de oposições, conferindo valor positivo somente a um. termos. Neste esquema a liberdade é sempre refém do binário bem-mal, como se a verdade das escolhas estivesse fora de nós e como se houvesse fora do corpo e contra o corpo um lugar seguro e objetivo que fundamenta e sustenta a verdade, o discernimento e a justiça.

Numa perspectiva feminista e popular buscamos uma espiritualidade de janelas. Uma espiritualidade que abra espaços

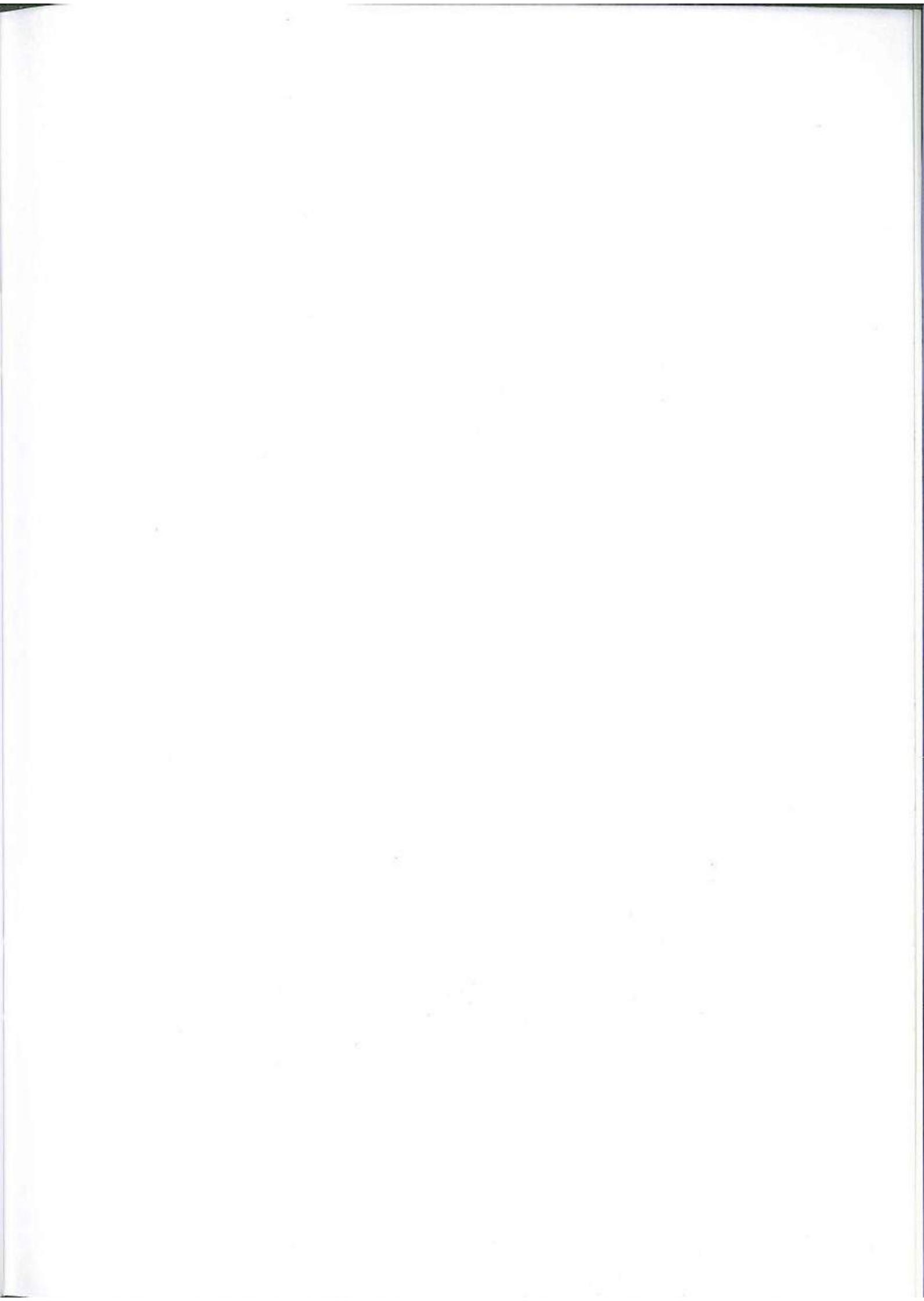
44 - GEBARA, Ivone. Rompendo o silêncio – uma fenomenologia feminista do mal, Vozes, Petrópolis, 2000. p. 117.

de relação e conversação com outras formas de dizer a fé, outros nomes de invocar o divino. A teologia feminista precisa desarrumar sua cama, alargá-la para que os rigores da teologia e a paixão do dia-a-dia estejam presentes como amantes que não se excluem. Juntar a casa e a rua, o público e o privado, a história e o cotidiano, o esperado e o inesperado.

E sob a cama uma janela enorme aberta pra rua, janela do Espírito.

Nancy Cardoso Pereira

Doutora em Bíblia e militante da Comissão Pastoral da Terra.



PUBLICAÇÕES CDD

1. CADERNOS

- 13 – Serviços de Aborto Legal em hospitais
públicos brasileiros (1989-2004) – Dossiê, 2006
14 – Violência Simbólica: a outra face das religiões, 2010

2. CARTILHAS

- Aborto - Conversando a gente se entende
Maternidade - Conversando a Gente se Entende, 2ª edição ampliada, 2013

3. VÍDEO - DVD

- Juventude – Religião e ética sexual
Tudo o que você queria saber sobre a legalização do aborto no Brasil e não
sabia onde encontrar, 2012

4. RÁDIO CD

- Aborto Legal e Seguro – Exija seus Direitos, 2008
Conversando sobre a legalização do aborto



Rua Martiniano de Carvalho, 71 - casa 11
01321-001 Bela Vista - São Paulo - SP
tel/fax (55) (11)3541-3476
cddbr@uol.com.br
www.catolicas.org.br